

## INTERVENÇÃO PRIMEIRO-MINISTRO NA ANPC - 8 agosto 2018

### Transcrição integral da declaração inicial

Como sabemos, este ano tem sido um ano particularmente atípico. Atípico porque o verão chegou tardio mas também atípico porque o verão chegou com uma vaga de calor que nos últimos dias permitiu atingirmos extremos absolutos, como há pouco o Senhor Presidente do IPMA aqui nos descreveu. Contudo, passada esta primeira onda de calor, é um momento importante para podermos fazer um primeiro balanço desta primeira grande prova a que fomos sujeitos neste ano.

A minha primeira palavra queria dirigi-la ao conjunto dos portugueses, agradecendo-lhes o enorme trabalho que foi feito durante o outono, durante o inverno, durante a primavera e no início deste verão tardio, para criarmos condições de termos povoações e habitações melhor protegidas.

O facto de este ano termos tido menos ocorrências, menos incêndios, apesar de um estado climatérico mais adverso, deve-se em primeiro lugar, a esse grande esforço que os portugueses fizeram. Quero agradecer-lhes o particular cuidado com que têm seguido as recomendações para evitarmos os comportamentos de risco.

É preciso termos consciência de que os incêndios não nascem do nada. Os incêndios nascem sempre do comportamento humano. Às vezes intencional, a generalidade das vezes por negligência. Ora, esta diminuição significativa do número de ignições, deve-se seguramente aos portugueses terem acompanhado as

recomendações e os apelos das autoridades para diminuírem os comportamentos de risco.

Quero também agradecer o enorme civismo com que, perante situações de tragédia, têm seguido as indicações das autoridades, designadamente nas situações de evacuação preventiva que têm vindo a ser realizadas. E gostaria de insistir muito junto de todos que é essencial para a preservação da vida humana, para diminuirmos os riscos de acidentes pessoais, que todos sigam as instruções das autoridades.

As autoridades, quando apelam à evacuação, não estão a violar a Constituição nem a Lei. Estão a assegurar o maior bem, o bem mais precioso que existe, que é a vida. E é absolutamente irresponsável qualquer tipo de apelo para que as populações não sigam as recomendações das autoridades.

A minha segunda palavra, naturalmente, é para os milhares de mulheres e homens, como agentes da proteção civil, que têm estado empenhados na resposta, quer na prevenção quer no combate, a esta ameaça dos incêndios rurais. A todos eles, e em primeiro lugar, naturalmente, àqueles que constituem a espinha dorsal do nosso sistema de proteção civil, que são os bombeiros voluntários. Mais uma vez revelaram enorme profissionalismo e competência na sua ação, tendo respondido àquilo que é a necessidade de salvar a vida de outros e preservar os bens de outros.

Também os bombeiros profissionais, quer os das entidades municipais, quer os da nossa Força Especial de Bombeiros, mas também as Forças de Segurança, PSP e GNR, militares das Forças

Armadas, Sapadores Florestais, Vigilantes da Natureza, Guardas Florestais, todos têm sido imprescindíveis para termos uma floresta mais vigiada, com menos comportamentos de risco, e maior capacidade de ação.

Os dados que temos são muito claros: em primeiro lugar, a capacidade que o País hoje detém de prever as situações de risco, articulado na rede europeia que integramos, foi demonstrada ao longo destes dias. As previsões articuladas pelo IPMA são informações seguras que permitiram quer às autoridades quer aos cidadãos adequarem os seus comportamentos e poderem agir em conformidade. Por outro lado, o conjunto de instituições que têm de responder em situação de socorro deram a sua resposta.

E o facto de termos tido mais de 582 ignições nestes cinco dias mais críticos e destas 582 ignições só termos tido 26 incêndios e desses 26 incêndios só verdadeiramente este incêndio de Monchique ter concentrado a atenção quer da comunicação social, quer das populações, quer das autoridades, demonstra que o sistema respondeu à altura do desafio que estava colocado.

Obviamente todos temos consciência que esta foi só a primeira prova de muitos dias, muitas semanas, e alguns meses que temos pela frente de um verão que começou tardio e desta forma brutal. Não sabemos quando terminará nem se teremos novas ocorrências climatéricas como as que vivemos nos últimos dias. É por isso, obviamente cedo para balanços.

É também o momento em que o País tem as suas atenções concentradas naquele que é, neste momento, o único grande incêndio a lavrar em todo o País.

Quero dar uma palavra às populações de Monchique, Silves, Portimão, Odemira, que têm sofrido ou têm estado ameaçadas pelas chamas ao longo destes dias. E registar a enorme serenidade e civismo com que têm vivido estes dias de grande aflição.

Quero dar uma palavra também aos autarcas, em particular aos Presidentes de Câmara de Silves e de Portimão, e ao Presidente de Câmara de Monchique, que têm sido incansável no esforço, dedicação e empenho com que tem trabalhado ao longo destes dias, como primeiro responsável, aliás, da proteção civil no seu concelho.

O caso de Monchique tem sido referido por muitos, como dizendo "está aqui a prova de que não vale a pena fazer a prevenção". Eu diria que, estes dias, o que demonstraram, é que vale a pena fazer a prevenção. Porque se não tivéssemos feito a prevenção ao longo de todos estes meses de outono, inverno e primavera, seguramente, com a vaga de calor que tivemos, teríamos tido muito mais que as 582 ocorrências. Teríamos tido seguramente muito mais do que estes 26 incêndios. E todos eles teriam sido seguramente muito mais dramáticos do que aquilo que têm sido.

A primeira prioridade da prevenção é a salvaguarda das vidas humanas e felizmente até ao momento não há o registo da perda de qualquer vida humana.

Em segundo lugar, é a proteção e a segurança das pessoas. E para a dimensão da ocorrência temos tido, felizmente, feridos ligeiros

em número bastante reduzido e feridos graves em número ainda mais reduzido.

Em terceiro lugar, perante a gravidade e a dimensão deste incêndio, se não tivesse sido feita a prevenção que foi feita, seguramente ele hoje já teria uma dimensão muito superior àquela que tem.

Mas dirão, bom, mas se tudo isto é assim, porque é que o incêndio não foi apagado no primeiro minuto?

Bom, de facto este incêndio podia ter sido apagado como os outros 25. E podia ter ocorrido como as 581 outras ignições que aconteceram. Mas por circunstâncias próprias, que têm a ver com a dificuldade do terreno, com as condições climatéricas específicas que existem, com a composição da floresta que temos no local, certamente por outros fatores que no final desta ocorrência poderão ser devidamente apurados, esta exceção confirmou regra do sucesso da operação ao longo de todos estes dias.

É uma operação que vai ainda decorrer ao longo dos próximos dias. E não vale a pena termos a ilusão de pensar que este incêndio será apagado nas próximas horas. Não será apagado nas próximas horas. As próximas horas vão ser particularmente adversas, quer do ponto de vista da temperatura, quer do ponto de vista da velocidade do vento, quer do ponto de vista da humidade relativa. As janelas de oportunidade de combate efetivo são muito limitadas e centram-se sobretudo à noite e no período da madrugada. O trabalho de contenção é o trabalho que está a ser feito e é o trabalho que pode ser feito.

Mas é preciso compreender que a vela de um bolo de aniversário, todos nós a apagamos com um sopro, mas quando a chama se alarga e os incêndios ganham uma escala com esta dimensão, não bastam os sopros nem bastam alguns dias de trabalho. São precisos muitos dias de trabalho para que esse incêndio possa vir a ser totalmente extinto.

É, por isso, necessário que continuemos empenhados como temos estado nestes dias nesta frente de combate. Continuar a fazer no resto do território o que tem estado a ser feito: ações de prevenção para evitar novas ocorrências, evitar comportamentos de risco para que não haja novas ignições, termos os meios e o dispositivo preparado para responder na primeira intervenção com a eficácia que todos desejamos, de forma a que Monchique possa ser efetivamente a exceção que confirme a regra.

Como digo, é cedo obviamente para fazermos um balanço, até deste próprio incêndio que lavrará seguramente ainda durante os próximos dias e que continuará a exigir muito trabalho por parte de todos aqueles que estão no terreno.

Foi por isso que a Autoridade Nacional e o Senhor Comandante Nacional das Operações de Socorro decidiu ontem elevar o nível de Comando para nível nacional, e temos agora de dar todo o apoio que é necessário, quer do ponto de vista material, quer do ponto de vista emocional, a todas aquelas e a todos aqueles que, sendo bombeiros voluntários, bombeiros profissionais, agentes das forças de segurança ou militares das Forças Armadas, profissionais do INEM ou de qualquer outra instituição, estão agora a dar o melhor de si próprios para permitir a contenção daquele incêndio, permitir criar condições para a sua futura

extinção, salvaguardando primeiro lugar as vidas humanas, as vidas de outros seres vivos, designadamente dos diversos animais presentes na serra e a diminuição dos danos materiais, seja de habitações, seja de outro tipo de construções, seja desse bem fundamental que é a nossa floresta.

E queria, por isso, concluir com uma palavra de confiança na Autoridade Nacional de Proteção Civil, em todos aqueles que são parceiros da Autoridade Nacional no trabalho que tem vindo a ser desenvolvido e, sobretudo, muita confiança nas mulheres e nos homens que, em nome de todos nós, travam um difícil combate em Monchique que, seguramente, irá prosseguir durante os próximos dias.